

ZELIA GATTAI: A CONTADORA DE HISTÓRIAS E ANARQUISTA QUE CHEGOU À ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS COM SUAS MEMÓRIAS

ZELIA GATTAI: THE STORYTELLER AND ANARCHIST WHO ENTERED THE BRAZILIAN ACADEMY OF LETTERS WITH HER MEMOIRS

Francinilda Santiago Lopes¹

A Literatura Brasileira conta, desde os seus primórdios, com muitos nomes de escritoras célebres, especialmente dotadas de sensibilidade e *expertise* com as palavras. Dentre elas estão as que não foram apenas escritoras, mas também jornalistas, educadoras, ativistas feministas e as que tiveram outras funções sociais também. Entre os muitos exemplos que poderíamos citar como prestigiosas intelectuais das nossas letras, temos **ZÉLIA GATTAI AMADO DE FARIAS**, uma das beletistas que mais nos impressionam por suas convicções políticas, por sua fidelidade ao que acreditava — mesmo desafiando perigosamente a sociedade de sua época.

Nossa admiração por ela nasceu quando começamos a pesquisar mulheres escritoras que foram silenciadas pelos cânones literários ocidentais e orientais e que precisaram escrever sob pseudônimos ou que fossem apadrinhadas por alguns escritores para poderem publicar. Nossas pesquisas sobre o resgate historiográfico de beletistas silenciadas tiveram início dentro do Grupo de Estudos Filhas de Avalon, que tem tradição nesta seara, com lauta produção colaborativa de sua membresia sobre esse escopo. Decidimos pesquisar sobre Zélia Gattai porque nos identificamos com essa autora que publicou o primeiro livro, despretensiosamente, aos 63 anos, em uma escrita simples e memorialista. A sua idade, mais do que a sua inteligência, foi o que nos motivou a estudá-la e sobre ela escrever, pois o etarismo impede que talentos como o dela venham a lume e sejam prestigiados. Ela foi um exemplo e um norte para nós que já passamos dos 50 anos e que gostamos de escrever literariamente.

Em termos biográficos, nossa escritora nasceu em São Paulo no ano de 1916. Foi filha de imigrantes italianos. Seu pai chamava-se Ernesto Gattai, um homem determinado e que começou a trabalhar como chofer e logo tornou-se um pequeno empresário, dono da sua própria oficina. Seu trabalho era conhecido pela elite da época porque ele era muito criativo. Dona Angela Maria Da Col, sua esposa e mãe de Zélia, era uma mulher muito simples e com poucos

¹ Graduada em Letras Português pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Especialista em Literatura e Ensino pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). E-mail: fran.nilda7@gmail.com.

estudos. Eles tiveram uma vida difícil, trabalharam muito para terem um certo conforto e darem condições de estudos para os filhos, em número de cinco. Zélia Gattai era a mais nova deles.

Nossa *femenageada* neste panegírico teve uma infância muito feliz ao lado dos irmãos (Remo, Wanda, Vera e Tito [ou Mario, como também era conhecido]). Viviam em uma casa espaçosa, porém sem luxo, mas com jardim e animais de estimação. Zélia era a preferida do seu pai, ainda mais porque gostava de política e tocava piano, atitudes que ele prezava. Ernesto via nela a esperança de continuar suas ideias políticas. Enquanto isso, a mãe planejava para essa filha um casamento, pois era esse o futuro que todas as mulheres da família haviam tido.

Então, Dona Angelina matriculou-a em um curso de corte e costura, que naquele contexto, era um dos conhecimentos mais apetecíveis para uma jovem pequeno burguesa. Todavia, Zélia escolheu seguir os ideais do pai. Na adolescência, já manifestava na escola as suas ideias, que envolviam política; aprendeu hinos e poemas patrióticos, como era de costume na Educação em tempos de ditadura no Brasil de outrora — e como segue sendo em países que estão sob regime ditatorial. Tenta-se enaltecer a figura do ditador como positiva com propaganda política nos meios de comunicação de massa e até nos materiais didáticos/escolares, como nas contracapas de livros e cadernos, além sua foto estar presente nas salas de aula, frequentemente ao lado da imagem de Jesus Cristo. Isso ligava Vargas com o divino.

A menina Zélia prendeu a ler e escrever rapidamente, por meio de jogos divertidos, e logo destacou-se como a melhor aluna da escola e teve, inclusive, uma biografia sua publicada no jornal da época. A história de amor que compartilhou com Jorge Amado começou com a admiração que ela nutria por ele, que já era um escritor consagrado e politicamente engajado. Ela já havia sido casada antes, por oito anos, e havia tido um filho: Luiz Carlos Veiga. Contudo, a história de amor que a escritora paulista viveu com o escritor baiano preencheu seus dias de carinho e companheirismo por 56 anos, até a morte dele, em 6 de agosto de 2001, na Bahia.

Zélia Gattai, apesar de bastante conhecida por sua longa parceria de vida com esse intelectual brasileiro seminal, foi igualmente uma referência de cultura. Sábia, doce, acolhedora e articulada, era, essencialmente, a memorialista e fotógrafa da família, principalmente no exílio da família na Europa, para o qual partiram quando a opressão política recrudesceu e ameaçou a integridade física dela, dele e de sua prole. Curiosamente, Zélia, que apoiava o marido em absolutamente tudo o que ele escrevia, inclusive revisando os seus textos que ele concebia e datilografando-os, foi uma brilhante contadora de histórias — destacando as que remontavam às anedotas familiares. Detalhista, organizava os álbuns das fotos que se responsabilizava por fazer e tinha tudo muito bem categorizado e devidamente guardado.

Contra todas as probabilidades e vencendo-as todas, Zélia Gattai tornou-se escritora já idosa, com mais de 60 anos, ao deitar ao papel as suas memórias, incentivada pelo marido — o que logo lhe rendeu o seu primeiro livro publicado e muito bem recebido pela crítica e pelo público leitor: *Anarquistas Graças a Deus*, em 1979. Pelo próprio título, percebemos que as suas convicções políticas — tanto as de sua família nuclear (italiana e anarquista), como a que formou com Amado (socialista) — inspiraram-na. Nesse seu *Magnum Opus*, ela manifesta a sua posição política e expressa as suas ideias contra o Sistema, descrevendo a luta dos seus ancestrais italianos por direitos civis, trabalhistas e políticos.

Sua intenção, com isso, foi contar para os filhos e para as crianças da vizinhança, de maneira memorialística, as histórias que povoaram a sua infância e adolescência. Não imaginara que essa ação a catapultaria para o sucesso, que a surpreendeu deveras. Sobre as suas experiências no exílio europeu (1948-1952), Zélia narra com simplicidade as lições que trouxe dos tempos árdus, reconfigurando-as, juntando a elas as centenas de fotografias tiradas por ela mesma e transformando-as em fotobiografias. Além de cristalizar as suas lembranças em seu livro de *debut*, como estava sempre atenta aos acontecimentos sociais e políticos do seu tempo e era muito engajada no contexto histórico dos países nos quais viveu, transferiu para esse livro, e para todos os outros que escreveria e publicaria em seguida, o que a sua mente prodigiosa lembrava. Esses outros livros são *Jardins de Inverno* (1988) e *Chão de Meninos* (1992).

Por suas contribuições para com a Literatura Brasileira, Zélia Gattai passou a ser considerada uma Imortal, ocupando a Cadeira Nº 23 da Academia Brasileira de Letras (ABL) em 21 de maio de 2002, que antes fora de seu marido. Muitas foram as críticas feitas a ela, comparando-a com Jorge Amado, tentando diminuí-la e vê-la apenas como uma protegida por ele e que por isso ganhara essa condecoração. Houve quem enxergou nesse fato uma homenagem. A verdade é que tem sempre a injustiça pairando sobre o valor da produção literária de Zélia Gattai. Será pelo etarismo ou pelo sexismo — ambos inerentes à ABL?

Apesar de todas as críticas que recebeu em diversos momentos de sua curta, mas intensa carreira literária, ela deixou um legado para ser seguido por todas e todos que apreciam a Literatura Produzida por Mulheres; nesse caso, por quem inicia a escrita com mais maturidade. Destarte, aqui a *femenageamos*, esperando que esse panegírico seja um instrumento a mais para impulsionar o interesse do público acadêmico para estudá-la e sobre ela escrever cientificamente, assim como publicar suas investigações sobre a vida, a obra e a fortuna crítica dessa autora valorosa nos veículos universitários que dialogam com a sociedade.



COMO CITAR ESTE PANEGÍRICO:

LOPES, Francinilda Santiago. Zelia Gattai: a contadora de histórias e anarquista que chegou à Academia Brasileira de Letras com suas memórias. **Kixará**, Quixadá, v. 2, n. 2, p. 79-82, maio/ago. 2025.

Submetido em: 29/10/2025

Aceito em: 13/12/2025

Publicado em: 19/12/2025

Edição: Yls Rabelo Câmara

Diagramação: Francisco Edvander Pires Santos



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Compartilha Igual 4.0 Internacional